



COSMOVISÃO E ESTÉTICA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Vânia Konell¹

Ítalo Rodrigo Mongconänn Reis²

Universidade Regional de Blumenau

Centro de Educação – CCE

Departamento de Mestrado

Resumo: O estudo apresentado propõe, com o auxílio das discussões no Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação EDUCOGITANS, do Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), com financiamento da CAPES por meio do Programa Educação Escolar Indígena, compreender como a cosmovisão de um povo indígena interage com a educação escolar indígena. O povo indígena Xokleng/Laklãnô que é o foco da pesquisa que substancia esse texto, vive na Terra Indígena Laklãnô no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brasil. Sua história é marcada por significados que caracterizam a vida pessoal, a vida familiar e a vida social de seus integrantes. É um povo que durante séculos migrou anualmente do planalto catarinense para o litoral, acumulando saberes únicos que possibilitaram a vida e o atendimento aos seus anseios de sobrevivência. Essas vivências consolidam uma cosmovisão própria e particular desse povo, de onde esse texto traz argumentos para a reflexão sobre qual é a visão de mundo desta comunidade que permeia sua organização social e comunitária. Assim a pesquisa tem como propósito identificar como, nos objetos de autoria de pessoas indígenas, se identificam aspectos que indiquem sua cosmovisão como referencial. Essa identificação pode se caracterizar como referencial de cosmovisão para ser utilizado pelos professores indígenas em suas ações que tenham como foco a revitalização de sua cultura e língua.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Cosmovisão; Estética; Cultura.

INTRODUÇÃO

Estudar um povo indígena tradicional é como buscar uma referência para ampliar as possibilidades de relações inerentes à vida. Essa referência de cosmovisão se caracteriza a partir da identificação e interação com o povo. O confronto da realidade indígena com a realidade não indígena evidencia a necessidade de debater a possibilidade da cosmovisão se manter ativa, apesar do local onde o indígena estiver vivendo e de como ela se mostra como elemento de interação com o não indígena. Esse debate na medida em que permeia a vida de cada pessoa, indígena e não indígena, implica nas propostas de escolarização a ser desenvolvida nas diversas comunidades.

¹ Graduada em Pedagogia e Artes Visuais, Especialista em Séries Iniciais, Educação Infantil e Gestão Escolar e Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) – SC. Email: vaniakonell@bol.com.br

² Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) – SC. E-mail: italopublicitario@gmail.com

O povo indígena Xokleng/Laklãnõ com o qual a pesquisa se desenvolveu, vive na Terra Indígena Laklãnõ no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brasil. Esse é um povo que tem sua história marcada por um movimento de lutas em busca da sobrevivência como povo e como cultura. Nesse processo, as escolas indígenas se caracterizam como ponto importante de encontro e debate a cerca de suas esperanças.

Assim, esse texto se apóia em pesquisa realizada junto a esse povo por meio do Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação EDUCOGITANS, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), com financiamento da CAPES por meio do Programa Educação Escolar Indígena, com o qual se pretende contribuir para a revitalização da língua e cultura desse povo, por meio das atividades escolares. Esse processo é importante, pelo fato da revitalização proposta fortalecer a perspectiva de ontologia social desse povo, isto é, contribuir para que tenham clareza do que significa ser indígena num contexto civilizatório individualista e segregador.

Dessa forma para atender a esse pesquisa se propôs analisar e estudar a forma e a constituição dos objetos e artefatos que este povo produz como armas, cerâmica, cestaria, colares, e instrumentos musicais. A revitalização proposta como motivação da pesquisa passa pelo entendimento de que a cultura é dinâmica e mutante e por isso sempre inconclusa, inacabada e incompleta, como propõe Paulo Freire em sua obra. Essa dimensão ontológica estabelece que a história de um povo e de uma comunidade se caracteriza como algo dinâmico que se manifesta por meio do que foi incorporado como decorrência das interações e trocas sempre existentes, para manterem-se vivos.

A pesquisa investiga os significados estéticos, afetivos e simbólicos do que é produzido por este povo, para então decodificar sua cosmovisão recente e tradicional e com esses dados, contribuir para a ação dos docentes como agentes que viabilizam esse processo.

A construção teórica se apoiou nos significados de cultura e as cosmovisão apoiados em numa perspectiva de estética, entendida como a sensibilização e os sentimentos que cada pessoa atribui ao que a cerca, rompendo com a postura convencional de estética, que se apresenta com base em significado e racionalidade, tendo como referência de gradação, sentimentos de belo e feio. Essa base teórica possibilita a compreensão do significado simbólico de seus artefatos na perspectiva da transcendência e do conhecimento tradicional.

Esse processo se caracteriza por representações materiais e também imateriais como lendas, contos, mitos e rituais, caracterizados como manifestações próprias de cada cultura e de cada etnia.

ASPECTOS ESTÉTICOS DA COSMOVISÃO INDÍGENA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL

A cultura é um aspecto social mutante em constante questionamento, pois é considerada por muitos pesquisadores como representação da intervenção da sociedade nos ambientes, sendo por isso difícil de conceituar. Para José Luiz dos Santos:

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é decorrência de leis físicas e biológicas. Ao contrário, a cultura é produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS, 1949, p.45)

Nesta perspectiva, a cultura é considerada como um movimento humano decorrente da convivência em grupo e da interação social. Portanto é necessária a percepção das especificidades de cada grupo cultural, para com elas observar e descobrir os signos existentes em busca da identidade de cada povo.

São os valores culturais que identificam um povo, uma comunidade e cada pessoa. É através da cultura que se pode observar e caracterizar a história de vida, os costumes, as crenças e os hábitos de um determinado grupo social. Entende-se que conhecendo esse contexto se pode identificar e valorizar cada movimento cultural, de forma a distanciar preconceitos e desigualdades.

Portanto a cultura se constitui por meio de vivências e a cultura indígena do povo Xokleng/Laklãnô é repleta de significados a que caracteriza a vida pessoal, familiar e social, sustentados por princípios como reciprocidade e partilha.

Esse é um povo, que passou séculos migrando e desde a ocupação do Brasil pelos europeus sofre intervenções. Inicialmente essas intervenções ocorreram em seu território e depois com um genocídio aplicado tanto pelo governo colonial que declarou guerra a esse povo em 1912 pelo fato deles atacarem as mulas dos grupos de tropeiros que atravessavam suas terras rumo aos estados do sul do Brasil. Depois com a chegada dos colonos alemães ocorreu nova investida de combate aos indígenas de forma sistemática pelo fato dos agentes de colonização ter que honrar seus compromissos de instalação dos colonos nessa região. Dentre as diversas práticas utilizadas cabe destaque para a contratação de bugreiros que se

constituíam como grupos pagos pelo governo estadual para matar os indígenas. Silvio Coelho dos Santos descreve esses acontecimentos ao dizer que:

A história do contato entre os Xokleng e componentes da sociedade nacional foi particularmente dramática. A tribo tradicionalmente mantinha suas atividades de subsistência com base nas atividades de caça e coleta. Divididos em grupos de 50 a 200 pessoas, os Xokleng dominavam toda a área de floresta que encobre a área localizada entre o litoral e a encosta do planalto, desde as proximidades de Porto Alegre (RS) até Paranaguá (PR). Esta área somente começou a ser sistematicamente desbravada a partir do momento em que se iniciou a colonização no sul do País, em 1824. Como o território ocupado pelo Xokleng, à época da colonização, já estava cercado por proprietários civilizados, os indígenas não tinham para onde fugir. (SANTOS, 1938, p.21)

Esse processo foi arrefecido com a criação do Serviço de Proteção dos Índios (SPI), mas a perseguição promovida pela população não indígena manteve-se até hoje na forma de seus preconceitos e posturas contrárias a uma convivência fraterna. Em 1980 esse povo recebeu mais um golpe fatal com a construção de uma barragem em suas terras para proteger de enchentes as cidades do Médio Vale do Itajaí. Isto causou mais um violento impacto nas condições de vida rudimentares que já possuíam provocados pelo fato de que deixaram de ser migrantes para terem de se assumir como seres em condição gregária.

Atualmente esse povo vive grandes dificuldades econômicas, mas tem um movimento efervescente de mudanças em busca da revitalização de sua identidade indígena por meio da sua língua e cultura o que é fundamental para o reconhecimento da pessoa como indígena.

A ancestralidade se caracteriza como um esteio e um referencial da identidade do povo indígena, sendo fundamental nas relações comunitárias, como cita Patricia Pérez Morales ao dizer que ela...

Representa a origem comum, seu caminhar histórico como povo, que os unifica em sua cultura. Sua presença é atualizada por meio de seus antepassados, de seus conhecimentos e cotidianidade, é uma vivência permanente através dos rituais, celebrações e no dia a dia, seus ancestrais estão sempre presentes na vida da comunidade, pertencem a ela. Então, viver o passado no presente como uma abertura ao depois, é o sentido da ancestralidade, uma ancestralidade que carrega vivências e significados, é uma procura no profundo do tempo-espço que dá sentido à vida do aqui e do agora. (MORALES, 2008, p. 49)

A cosmovisão indígena Xokleng/Laklãnõ encontra nesse princípio da ancestralidade a base da tradição e da cosmovisão desse povo.

Entre os objetos que os Xokleng produzem, se destacam os colares de sementes, chocalhos, bacias feitas com barro, cestos trançados, armas como arcos e flechas, os quais são artefatos característicos dessa cultura, mas que não podemos afirmar que sejam aspectos

representativos de sua história pregressa. Silvio Coelho dos Santos descreve aspectos da cultura tradicional desse povo dizendo que:

Os Xokleng costumavam fazer uma bebida fermentada, com base do mel, água e xaxim. Em troncos previamente escavados, os ingredientes eram misturados e sujeitos a vários procedimentos, dos quais se destacava o colocar pedras aquecidas no interior dos cochos para acelerar a fermentação. Segundo Deeke (1922: 128) essa bebida somente era preparada por ocasião da festa de furação dos lábios dos meninos. Alguns informantes nos disseram, entretanto, que após o ritual de cremação, os índios faziam uma festa, durante a qual cortavam o cabelo da viúva. Para haver a festa era necessário preparar a bebida. (SANTOS, 1973, p. 212)

É interessante que durante o preparo, a mistura de xaxim e mel devia ser aquecida até a fervura e essa ação era possibilitada com o aquecimento de pedras em uma fogueira próxima as quais eram colocadas junto à bebida. Depois esse preparo era coberto com folhas de bananeira e fermentavam até o dia da festa quando era distribuída para todos, o que garantia depois de muita dança um sono profundo de todo o grupo.

Além do tronco escovado, usado em forma de cocho, os Xokleng conheciam outras duas formas de obter vasilhames. Uma, através da cestaria. Outra, pela cerâmica. A cestaria era atividade essencialmente masculina. Balaies de vários tamanhos eram construídos para variados fins (...) para suportar uma criança às costas da mulher. (SANTOS, 1973, p. 212)

Falar das cestas implica em debater os meios de transporte de materiais, sendo que as cestas revestidas com cera de abelha eram utilizadas para o transporte de líquidos e com eles também eram mantidos em lugar úmido os pinhões que seriam utilizados como alimento no ano seguinte.

A cerâmica Xokleng era produzida pelas mulheres. Ela era pobre. De cor preta, os objetos tinham consistência e tamanho reduzidos. Seu acabamento era precário. Tudo a indicar que o constante vai e vem pela floresta não permitiu o desenvolvimento de técnicas mais refinadas. Na ocasião obtivemos os seguintes esclarecimentos da índia Iocô Aiú “as panelas são feitas com barro, misturado com carvão. O barro é bem amassado e limpo. Depois de moldada, a peça fica secando uma semana, mais ou menos. A seguir, faz-se a queima numa fogueira ao ar livre. A peça é envolvida num musgo, chamado barba de pau. Durante a queima a mulher reza pedindo que a panela não se quebre”. (SANTOS, 1973, p. 214)

A cerâmica também tinha uma função ritualística pões eram modeladas com argila colhida em um lugar previamente escolhido pelo pajé e a massa era acrescida de plantas que representavam a pessoa a quem seria destinada a vasilha. Assim cada pessoa tinha o seu pote de cerâmica e quando ele morria, esse era um dos objetos destruídos.

A mulher costumava usar também colares, feitos de sementes ou dentes de animais. O homem, por sua vez, usava apenas um pequeno feixe de fios em torno da cintura. Os fios eram cuidadosamente preparados de embira-açu, e, às vezes eram enfeitados com pequenas plumas coloridas de aves. Dessa forma, quando em feixe, o conjunto

apresentava tonalidades diferentes. Nesse feixe, o portador prendia a glândula. Os homens usavam também um botoque no lábio inferior. As mulheres, ainda quando meninas, recebiam duas incisões abaixo da rótula, na perna esquerda. “Era para ter perna forte para caminhar”. O botoque para os Xokleng era uma espécie de emblema tribal, usado pelas pessoas do sexo masculino. Quando criança em cerimônia festiva, o menino tinha seu lábio inferior furado, para permitir a introdução de um pequeno tembetá. Com o passar dos anos, o tembetá ia sendo substituído por outro maior, até o infante atingir a idade adulta. A festa realizada para a perfuração dos lábios das crianças reunia toda a tribo ou pelo menos algumas das hordas. (SANTOS, 1973, p. 216)

Uma observação interessante na questão da indumentária era o uso de absorventes para as mulheres durante o período menstrual constituído por uma tanga de urtiga, convenientemente tratada e forrada com o cipó conhecido como barba de velho. Esse cipó tem propriedade terapêutica como fungicida e anti-inflamatório o que garantia saúde às mulheres.

Ao abordar esses aspectos da cultura tradicional do povo Xokleng/Laklãnô é importante destacar que estes fatos são lembrados como sendo coisas da época em que eles viviam no mato, carregando fortes argumentos de uma ética e uma estética muito particular e própria ao contexto de vida que levavam. Nessa perspectiva a estética não se refere a uma conexão entre belo e feio.

Esta representação cultural está ligada a um conceito de estética que para Marly Meira se caracteriza como: “*A estética tem como consciência e reflexão o universo que chega a nós pelos sentidos, sentimentos, linguagem afetiva, o que chega pelo mundo histórico, pessoal e radical, em termos de vida.*” (MEIRA, 2003, p. 24)

O povo Xokleng/Laklãnô tem sua cosmovisão caracterizada pela sensibilização e sentimento, o que contrasta o contexto civilizatório não indígena que se referencia em sentido e racionalidade. Essa constatação deixa à mostra um movimento estético cultural que não é compreendido como um modelo estereotipado, mas como uma representação que transcende a emoção, a qual faz sentir, valorizar e significar as especificidades da cultura indígena.

Para Marly Meira:

A estética surgiu, portanto, de uma interface e por necessidade de compreender o sentido das interações, do que transita e vibra, anima e é animado por tal relação. Não nasceu para explicar arte, mas a atuação que se faz num percurso de procedimentos, para ver como os elementos constituintes desta atuação, afetam-se uns aos outros, repelem-se, misturam-se, entram em conjunto, apesar de suas diferenças. (MEIRA, 2003, p. 23)

Dessa forma o conceito de estética se identifica com o contexto cultural, por fazer parte de um movimento que cria seus próprios significados e sentidos. Para a cultura Xokleng a arte é uma forma de expressão. Como diz Cledes Markus “*para os povos indígenas, artes*

são todas as habilidades ou técnicas utilizadas para execução das atividades práticas ou teóricas em que conjugam a utilidade e a estética, ou seja, a finalidade com o prazer, a beleza e a fruição” (MARKUS, 2006, p. 51).

Portanto a arte como forma de expressão revela estas manifestações estéticas de maneira a identificar o povo com seus sentidos, ou seja, o povo Xokleng faz perceber a estética através da sua cultura, e não por um objeto isolado. A cosmovisão se revela dessa forma por meio do reconhecimento dos aspectos materiais e espirituais, como manifestação própria desse povo, que se pauta na sensibilização e nos sentimentos, por isso suas ações atendem ao que se convencionou caracterizar como sendo de natureza artística.

Segundo Patricia Péres Morales:

A arte é interiorizada como uma expressão do cotidiano, que exterioriza a sensibilidade de seu povo e que transmite ensinamentos importantes sobre sua forma de vida, sua cosmovisão e sua ancestralidade, ligadas à vida nas comunidades. Então, ela é assumida e compreendida como uma construção conjunta, permanente e inacabada, entre a pessoa e a obra, sempre numa contínua transformação. (MORALES, 2008, p.150)

Mesmo que muito da cultura Xokleng foi se perdendo devido a interação inevitável e necessária contexto civilizatório eurocêntrico, que se impõem ao seu, o povo indígena se organiza para, por meio de argumentação pautada na ancestralidade, revitalizar princípios constituintes da sua cultura através dos seus ensinamentos seja pelo convívio na família, na comunidade ou no contexto educacional. Segundo Eduardo OLIVEIRA: *“Se nas sociedades modernas o tempo é orientado para o futuro, nas sociedades tradicionais o tempo é orientado para o passado”*. (OLIVEIRA, 2006, p.48) Isto nos remete à valorização dos conhecimentos ancestrais, devido à sabedoria acumulada que é transmitida de forma oral, na qual a escola se mostra como agente de estimulação e propagação do conhecimento cultural.

A educação indígena nesse contexto é debatida, justamente por se tratar de uma cultura rica em saberes que desafia os saberes colonialistas. Porém todos estimulam para uma consciência cultural do indivíduo, como analisa Ana Mae Barbosa quando enfoca cultura e ensino da arte num contexto histórico e atual. Para ela:

A educação formal do Terceiro Mundo ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano. A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e de esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria. (BARBOSA, 1998, p.13)

A cultura indígena dessa forma é apresentada na escola de uma forma apenas a representar o estereótipo, sem preocupação com o respeito à diversidade no qual se

desenvolve e se possibilitam ações de natureza intercultural. Isto é preocupante à medida em que os saberes indígenas passam por um processo caracterizado como processo educacional de natureza excludente. Isto torna difícil a busca do reconhecimento da identidade pelos integrantes desse povo, por que, para possibilitar a valorização é preciso conhecer a cultura como de fato ela é, e não como “achamos” que ela seja.

Portanto é fundamental que se tenha um entendimento sobre cultura, sobre identidade, sobre interculturalidade, no contexto da escolarização diferentemente de educação, para propor um processo que envolva conhecimentos e saberes voltados para a emancipação humana. Desta forma, a educação escolar indígena, preocupada com estes aspectos, busca através das especificidades e particularidades da sua cultura, promover a redução das desigualdades, a afirmação de direitos e conquistas e tenta facilitar o diálogo Intercultural com os diferentes agentes sociais das comunidades de seu entorno.

Como diz Paulo Freire:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (FREIRE, 1987, p. 84)

Apesar de todas as mazelas e dificuldades o povo Xokleng/Laklãnõ como outras etnias existentes no Brasil, mobilizadas pela dinâmica colonizadora ainda vigente, busca na escola a revitalização da sua cultura, através dos ensinamentos da sua língua, da sua história, e dos costumes do seu povo com relação à alimentação, à caça, ao artesanato, às vestimentas, etc.

A educação indígena, portanto, passa por um entendimento de que a vida do povo é representada por meio da sua cosmovisão. Mas o que de fato faz compreender sua cosmovisão? O que ela representa? São questionamentos que priorizam reflexões sobre esta temática, uma vez que se faz necessário a revitalização da língua e cultura. Para Patricia Pérez Morales:

É assim que entendemos cosmovisão como a forma de pensar-agir, de viver no mundo, que tem cada cultura, a qual é construída através do espaço-tempo, e que se renova e atualiza permanentemente por meio de suas práticas, de seus princípios, de sua cultura, de sua educação; isto é, da forma em como uma cultura pensa o mundo e vive nele, como constrói suas relações com os outros, com a natureza, com seus ancestrais, etc..., portanto, é uma forma particular e característica que tem cada cultura de compreender o mundo em que vive. (MORALES, 2008, p. 22)

A cosmovisão é então percebida pelas manifestações individuais e coletivas, sendo totalmente entrelaçada ao contexto social na qual o sujeito está submetido. Cada povo pode

ser caracterizado de forma diferente, tendo interpretações diferentes da cosmovisão. Isto por que é através da educação e da cultura que podemos criar um jeito próprio de pensar e de agir.

O povo Xokleng/Laklãnõ busca dessa forma, pela cosmovisão, identificar os princípios familiares e sociais para revitalizar sua cultura e língua, priorizando a identidade através da educação escolar indígena. Para Eduardo OLIVEIRA: “*A identidade se constrói com relação à alteridade. Com aquilo que não sou eu. É diante da diferença do outro que a minha diferença aparece*”. (OLIVEIRA, 2006, p. 84)

O povo indígena nesse contexto se caracteriza a partir do reconhecimento ontológico, buscando o valor na ancestralidade, no tempo e no espaço bem como na tradição para compreender sua cosmovisão e identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura nesse texto foi apresentada como um movimento humano dinâmico e isso significa que a idéia de cultura também está ligada com um movimento que prioriza o bem estar e a libertação do sujeito. Percebe-se, então, que o homem precisa se reconhecer como sujeito da realidade, na busca pela libertação e por se caracterizar efetivamente como um ser social consciente.

Atualmente a escola é tida pela comunidade indígena Xokleng/Laklãnõ como o eixo central que tem como princípio nortear o seu futuro, possibilitando conhecimentos tradicionais aos alunos indígenas, pela valorização cultural e pelas condições dignas para um bem viver, que possa suprir as necessidades em busca de sentido e qualidade de vida.

Portanto, a educação escolar indígena tem a oportunidade de explorar, construir e aumentar as conhecimentos tridimensionais e desenvolver suas habilidades afim de articular e realizar trabalhos estéticos com base em sua sensibilidade e em seus sentimentos. Sendo assim, o ensino escolar, familiar e social no contexto da cultura indígena Xokleng/Laklãnõ deve possibilitar a todos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer.

A estética neste sentido se mostra como busca através da construção dos artefatos indígenas o significado dessa representação para identificar a cosmovisão desse povo. É necessária então a valorização de cada indivíduo da comunidade, com o propósito de ajudar ao grupo constituinte dessa comunidade humana a revitalização da língua e cultura que herdou de seus ancestrais com todos os seus significados, sentimentos e conhecimentos que garantiram a vida por milênios de história.

A cosmovisão indígena encontra na ancestralidade, na cultura e na tradição, aspectos que levam em conta sua forma de ser e de pensar, caracterizando sua identidade originária.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos e Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. 200p. : 33 il. p&b – (Arte & ensino).
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MARKUS, Cleides. Identidade étnica e educação escolar indígena. 2006.
- MEIRA, Marly. Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível. Prefácio de João Francisco Duarte Jr. – Porto Alegre: Mediação, 2003. 144 p (Coleção Educação e Arte; v; 4)
- MORALES, Patricia Pérez. Espaço-tempo e ancestralidade na educação ameríndia: desdobramentos de Paulo Freire na província de Chimborazo, Equador. 2008.
- OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão Africana no Brasil: elementos uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.
- SANTOS, José Luiz dos, 1949 – O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção primeiros passos; 110)
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Índios e brancos no Sul do Brasil – A dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis, 1973.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Educação e sociedade tribais. Editor Movimento. Porto Alegre. Coleção Documentos Brasileiros. Volume 6.